UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARCOS ROBERTO LINHARES MESQUITA

PEDAGOGIA WALDORF: UMA VISÃO HOLÍSTICA COMO ABORDAGEM PEDAGÓGICA

FORTALEZA

2011

MARCOS ROBERTO LINHARES MESQUITA

PEDAGOGIA WALDORF: UMA VISÃO HOLÍSTICA COMO ABORDAGEM PEDAGÓGICA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação do Prof. André Olobardi.

FORTALEZA

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Mesquita, Marcos Roberto Linhares
M562v Pedagogia Waldorf: Uma visão holística como abordagem pedagógica / Marcos Roberto Linhares Mesquita. 2011.
48 f.

Monografia (graduação em Ciências Sociais) --Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, Fortaleza, 2011.
Orientação: André Olobardi

1. Pedagogia 2. Waldorf - Método educacional 3. Steiner, Rudolf - Crítica e interpretação 4. Prática pedagógica 5. Holismo (Educação) 6. Transformação social 7. Humanização I.Título.

CDD 300

MARCOS ROBERTO LINHARES MESQUITA

PEDAGOGIA WALDORF: UMA VISÃO HOLÍSTICA COMO ABORDAGEM PEDAGÓGICA

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo.

Data da apresentação: ____/____/_____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. André Olobardi (orientador) _____

Prof. _____ _____

Agradeço...

a meus pais Ana e Roberto, meu irmão Rodrigo e minha esposa Ana Cláudia por me apoiarem sempre;

ao meu orientador, professor André Olobardi e a professora waldorf, Anastácia Ribeiro, pela atenção e dedicação que foram determinantes para a concretização deste trabalho;

aos amigos e companheiros de curso Ricardo Maciel, Natali da Frota, Julio Rangel e Francisco João Carvalho que sempre estiveram a disposição para ajudar quando necessário;

a todos, meu reconhecimento por toda a colaboração prestada nesse percurso acadêmico.

RESUMO: MESQUITA, Marcos Roberto Linhares. **PEDAGOGIA WALDORF: UMA VISÃO HOLÍSTICA COMO ABORDAGEM PEDAGÓGICA.** Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo.

O presente trabalho pretende estudar a Pedagogia Waldorf de Rudolf Steiner, aqui apresentada em seu histórico, seus princípios, sua estrutura organizacional, aspectos de seu currículo e práticas pedagógicas aplicadas no ensino médio das escolas Waldorf do Brasil, bem como serão levantadas reflexões e críticas sociológicas visando apontar soluções para alguns conflitos existentes no sistema educacional de nosso país.

Palavras-chave: Pedagogia; Waldorf; Rudolf Steiner; Antroposofia; Holismo; Educação; Transformação Social; Humanização; Empregabilidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO I
ORIGEM E PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA WALDORF 10
I.1 Biografia de Rudolf Steiner 10
I.2 Fundamentos da Antroposofia 12
I.3 Princípios da Pedagogia Waldorf 14
I.4 Pedagogia Waldorf no Brasil 20
I.5 A Escola Waldorf 21

CAPÍTULO II
APLICAÇÕES E PRÁTICAS NO ENSINO MÉDIO 24
II.1 Aspectos da Metodologia 24
II.2 O Educador Waldorf 29
II.3 O Currículo Waldorf para Ensino Médio 31

CAPÍTULO III
UMA PEDAGOGIA HOLÍSTICA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL 35
III.1 Naturais Resistências ao Processo de Mudança 36
III.2 Pesquisa em Resposta às Críticas 41

CONSIDERAÇÕES FINAIS 43

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 47

INTRODUÇÃO

A proposta de trazer a tona essa discussão sobre uma visão holística como abordagem pedagógica resultou da inquietação por buscar uma ferramenta que pudesse ser amplamente útil para compor um panorama de transformação da sociedade brasileira nos anos futuros. Para tanto, considero que a educação ocupa um importante papel nesse sentido desde que devidamente amparada pela vontade política das autoridades envolvidas e do poder econômico como financiador do sistema.

Nessa busca destacou-se um rico tesouro de profunda abrangência que tem como pretensão a formação integral do ser humano em seus aspectos físicos, psicológicos e sociológicos – a Pedagogia Waldorf, a qual estudaremos neste trabalho.

A Pedagogia Waldorf é fruto do trabalho teórico e prático de Rudolf Steiner e seus colaboradores no campo da educação, após haver lançado as bases do que chamou de Antroposofia, ciência que objetiva estudar o homem do ponto de vista físico, anímico e espiritual.

Nesta monografia, a Pedagogia Waldorf é apresentada em seu histórico, seus princípios, sua estrutura organizacional, aspectos de seu currículo e práticas pedagógicas aplicadas no ensino médio das escolas Waldorf do Brasil, bem como são levantadas reflexões e críticas sociológicas visando apontar soluções para alguns conflitos existentes no sistema educacional de nosso país.

Apesar de que a proposta deste trabalho é direcionada para a aplicação da Pedagogia Waldorf no ensino médio, não poderemos deixar de fazer uma

explanação geral de tal abordagem em toda sua amplitude, ainda que de forma sintética, por se tratar de uma pedagogia que vê o ser humano de forma holística e, portanto não se pode compreender o trabalho realizado no ensino médio sem antes entender os princípios gerais e os passos que precisamos dar antes até chegar aquele momento.

Essa pedagogia se apresenta como um corpo integrado de valores a serem trabalhados, que possui um começo, meio e fim, e que, portanto não pode ser estudada de forma desmembrada do contexto geral.

A complexidade com que essa abordagem pedagógica foi elaborada é equivalente a complexidade de compreensão do universo humano em vários de seus níveis, pois foi lançada com a ousada missão de nortear o indivíduo de forma que o ensino teórico venha sempre precedido pelo prático, pelas vivências, com enfoque destacado para as atividades corpóreas, artísticas e artesanais, e tendo sempre em consideração a idade adequada do educando para receber tal ou qual ensinamento.

Na visão de Steiner, o ser humano é trimembrado em corpo, alma e espírito, e possui três níveis de percepção de aprendizagem que envolve os movimentos, os sentimentos e os pensamentos em ordem evolutiva. O desenvolvimento da vontade e o equilíbrio das emoções devem surgir antes para servirem de fundamentos sólidos ao exercício do pensar. Este tem início pelo despertar da imaginação através dos mitos, contos e lendas, para mais tarde, na adolescência desabrochar como pensamento abstrato, teórico e rigorosamente formal. E assim procura-se oferecer um processo de ensino que não seja somente focado no registro intelectual de conceitos, mas sim no incremento de habilidades sociais de forma que se combinem ciência e arte, filosofia e espiritualidade, na formação integral de seres humanizados que vivam em harmonia e respeito consigo mesmo, com a sociedade e com o meio ambiente em que vivem.

A pedagogia Waldorf presa muito por ambientar a elaboração do conhecimento às necessidades e predisposições que vão surgindo no universo interior do educando, de forma que não busca provocar choques nem queima de etapas etárias, evitando antecipar as vivências e acelerar processos. Também há um cuidado de manter o ser humano em harmonia com a vida natural, respeitando e cuidando do planeta.

CAPÍTULO I
ORIGEM E PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA WALDORF

> Até a puberdade, o jovem deve apropriar-se, por meio da memória, dos tesouros sobre os quais a Humanidade pensou; depois é a época de permear com conceitos o que ele, anteriormente, gravou bem na memória. Portanto, o ser humano não deve simplesmente lembrar o que ele compreendeu, mas, sim, deve compreender as coisas que ele sabe, isto é, das quais, por meio da memória, ele se apossou, tal como a criança se apossou da fala. Isto vale para um âmbito muito amplo (GA 34, pp. 30-31).

I.1 BIOGRAFIA DE RUDOLF STEINER

O filosofo, educador e artista *Rudolf Joseph Lorenz Steiner* nasceu em 27 de fevereiro de 1861 na cidade de *Kraljevec*, que naquele período fazia fronteira entre a Hungria e a Áustria, sendo na atualidade parte da Croácia. Oriundo de família simples teve suas primeiras orientações educacionais dadas pelo pai. Suas primeiras paixões foram a matemática, a geometria, as ciências naturais e a filosofia. Dedicou-se profundamente aos estudos científicos e filosóficos com o intuito de embasar-se o suficiente para questionar com propriedade os paradigmas

acadêmicos de sua época, vindo a obter, em 1891, seu Doutorado em Filosofia na Universidade de *Rostock*, Alemanha.

Durante a década de 1890 dedicou-se a trabalhos de edição das obras de *Goethe* vindo então a escrever o prólogo da primeira edição das Obras Científicas Completas de *Goethe* e em 1894 escreveu “A Filosofia da Liberdade”, uma de suas obras principais. Tornou-se ilustre membro da Sociedade Teosófica onde desempenhou atividades de conferencista e escritor de várias obras.

A Sociedade Antroposófica é uma das principais criações de *Rudolf Steiner*, tendo sido fundada em 1913 em conjunto com sua colaboradora *Marie von Sievers* com quem se casou em 1914. Foi durante seus anos de militância na Sociedade Antroposófica que *Steiner* desenvolveu o corpo de embasamento teórico e prático da Antroposofia. No decorrer das exposições e palestras que realizou em *Dornach*, Berlim e em varias cidades em toda a Europa, demonstrou indicações para uma renovação em muitas áreas da atividade humana, como são: arte, pedagogia, ciências, organização social, medicina, farmacêutica, terapias, dança, agricultura, arquitetura e teologia.

Após um intenso histórico de conferências e livros voltados para a educação, desenvolvimento humano e questões sociais da época *Rudolf Steiner* tem um encontro com *Emil Molt*, proprietário da Fábrica de Cigarros *Waldorf-Astória* (1919), quem propõe a *Steiner* que dirija uma série de palestras para os trabalhadores de sua fábrica com o intuito de elevar a qualidade de vida das famílias dos funcionários. Por ter havido boa receptividade, os trabalhadores solicitaram a *Steiner* que fundasse e dirigisse uma escola para seus filhos com o apoio e financiamento de *Emil Molt*. Steiner aceitou a proposta dos trabalhadores, sugerindo que a escola deveria ser aberta para todas as crianças da comunidade, e indicou um currículo unificado de doze anos, exigindo que os professores precisariam estar integrados e envolvidos com seu ideal filosófico-pedagógico.

Fundou-se então, em 07 de setembro de 1919, a Primeira Escola *Waldorf* que se chamou *Die Freie Waldorfschule* (A Escola *Waldorf* Livre), em *Stuttgard*, Alemanha, a qual permanece ativa até os dias de hoje. Nascia a Pedagogia *Waldorf*, a qual traria ao mundo uma visão holística e humanizada do processo educacional.

Rudolf Steiner faleceu em 30 de março de 1925, aos sessenta e quatro anos, em *Dornach*, Suíça, deixando extraordinárias contribuições em diversos

campos do conhecimento humano. A obra completa do grande filósofo foi publicada, incluindo seus 40 livros e aproximadamente 6.000 palestras, totalizando mais de 350 volumes.

I.2 FUNDAMENTOS DA ANTROPOSOFIA

O termo Antroposofia (do grego *anthropo* + *sophia* – sabedoria humana) diz respeito a um conjunto de princípios que servem de base a um sistema filosófico, científico, artístico e espiritual que foi fundado por *Rudolf Steiner*, a partir de 1902 quando este ainda era presidente da Sociedade Teosófica da Alemanha. Em 1913 *Steiner* se afasta da Sociedade Teosófica para fundar a Sociedade Antroposófica.

> A Antroposofia é um caminho de conhecimento que deseja levar o espiritual da entidade humana para o espiritual do universo. Ela aparece no ser humano como uma necessidade do coração e do sentimento, e deve encontrar sua justificativa no fato de poder proporcionar a satisfação dessa necessidade. A Antroposofia só pode ser reconhecida por uma pessoa que nela encontra aquilo que, a partir de sua sensibilidade, deve buscar. Portanto, somente podem ser antropósofos pessoas que sentem como uma necessidade de vida certas perguntas sobre a essência do ser humano e do universo, assim como se sente fome e sede (STEINER, 1923, GA 306).

Segundo *Steiner*, a Antroposofia é uma ciência espiritual. Ele a classifica como espiritual porque entende que seja uma sabedoria intuitiva emanada do espírito humano e se faz ciência devido a possibilidade de ser demonstrada no mundo material por meio das metodologias que despertam e desenvolvem uma série de faculdades latentes na natureza do homem em constante evolução.

A Antroposofia é um método de conhecimento da natureza do ser humano e do universo, que amplia o saber obtido pelo método científico convencional, preenchendo o enorme abismo existente entre ciência e espiritualidade. As ferramentas utilizadas na metodologia antroposófica pretendem ativar habilidades

ocultas do cérebro do praticante que o permita superar a barreira existente entre o mundo das formas e o universo dos princípios que permeiam todas as manifestações de vida. A alma que anima a todo ser humano deve ser tomada em consideração quando queremos estudar o desenvolvimento do homem sob um prisma holístico, conforme argumenta Setzer 2000.

Na visão antroposófica o espírito do homem é a origem de todo o conhecimento, haja vista não haver sequer um exemplo de saber ou ciência que não tenha sido intuído e elaborado a partir da reflexão humana, ou seja, o conhecimento é um reflexo do homem e este se reconhece naquele.

A atividade antroposófica como princípio universal é o exercício natural da consciência humana em busca da verdade que há em si mesma e que si reflete nas relações com as pessoas e o mundo. Vemos que *Steiner* fez questão de enfatizar o potencial humano ilimitado da criatividade quando expressou sua percepção espacial da universalidade do conhecimento em suas mais diversas manifestações sendo atuante na arte, pedagogia, ciências, organização social, medicina, farmacêutica, terapias, dança, agricultura, arquitetura, administração, psicologia, espiritualidade, etc.

Em Setzer 2000, vemos que todas essas ciências quando estudadas sob um prisma meramente exterior sem uma conexão com o princípio universal de onde saíram se tornam estéreis, mecânicas e limitadas. Serão meras reproduções, cópias de originais imortais, pois lhes faz falta o espírito criativo, inovador, recriador, transformador que só pode existir mediante o encontro do ser consigo mesmo, para logo fecundar a matéria inerte com o sopro da essência humana.

É em meio ao troar do pensamento antroposófico que nasce a Pedagogia *Waldorf* com a proposta de dar à educação o respaldo digno da missão que possui frente à formação das novas gerações. Uma abordagem pedagógica que oferece uma visão mais holística do ser humano considerando valores como afeto, alegria, prazer, satisfação, diálogos, dinâmicas, divertimento e espiritualidade, como ferramentas importantes no aprendizado e permitindo assim um maior aproveitamento do potencial humano a ser desenvolvido em cada educando.

I.3 PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA WALDORF

Para compreender os fundamentos sobre os quais descansa a Pedagogia *Waldorf* é preciso remeter-nos ao princípio antroposófico de que o homem é um trio de corpo, alma e espírito, e que é fundamental que este trio esteja em alinhamento harmônico para que a vida se processe em equilíbrio no interior de cada indivíduo e nas relações sociais que desempenha durante seu cotidiano. Para tanto, necessita receber uma orientação educacional que o prepare para conhecer seu mundo interior em contínua interação com o mundo que o rodeia em suas diversas formas de manifestação, segundo nos afirma Costa 2005. Steiner afirma ainda que os valores anímico-espirituais possuem momentos claros e específicos em que se encontram em desenvolvimento e afloramento e, conseqüentemente, necessitam de estímulos pedagógicos adequados para que alcancem sua plena maturidade na idade certa, evitando assim reflexos inconvenientes na vida adulta.

> A Pedagogia Waldorf concebe o homem como uma unidade harmônica físico-anímico-espiritual e sobre esse princípio fundamenta toda a prática educativa. Considera o lado anímico-espiritual como essência individual única de cada ser humano e o corpo físico como sua imagem e instrumento. Parte da hipótese de que o ser humano não está determinado exclusivamente pela herança e pelo ambiente, mas também pela resposta que do seu interior é capaz de realizar a respeito das impressões que recebe. Considera que o homem ao nascer, é portador de um potencial de predisposições e capacidades que, ao longo de sua vida, lutam por desenvolver-se (MIZOGUCHI, 2006).

Esses valores espirituais, quando combinados com a herança genética e o meio ambiente, torna cada indivíduo único para responder, da forma que lhe será peculiar, ao mundo de relações que terá de enfrentar.

Outro fundamento resgatado por *Rudolf Steiner* da antiga cultura grega é a divisão da vida humana em dez períodos de sete anos, denominados setênios, que foram sistematizados como estrutura didática para o ensino aplicado à Pedagogia *Waldorf*. Na concepção do filósofo, cada setênio oferece momentos

visivelmente distinguíveis, nos quais afloram interesses, dúvidas latentes e urgências legítimas que correspondem àquele período. O foco de aplicação da abordagem é direcionado para os três primeiros setênios que compreendem o período da infância à adolescência onde ocorrem as três fases do ensino: de 0 a 7 anos para a Educação Infantil; de 08 a 14 anos para o Ensino Fundamental; e de 15 a 21 anos para o Ensino Médio, podendo haver adaptações dependendo dos casos concretos. Para Steiner é fundamental que a vivência venha antes da teoria e, para tanto, é preciso que se atenda, na época certa e com os estímulos adequados, as carências e necessidades que vão aflorando em cada indivíduo.

Há três aspectos que se expressarão a seu tempo e que precisam ser devidamente atendidos, são eles: QUERER, SENTIR e PENSAR. O autor explica que durante o Primeiro Setênio as energias da criança estão sendo canalizadas para o corpo físico. Mais tarde, durante o Segundo Setênio essas energias fluirão em função dos sentimentos, das emoções. E, finalmente, no Terceiro Setênio a corrente natural da formação humana estará direcionando as energias para o pensamento.

Em Lanz 1979, encontramos que acelerar aprendizados, queimar etapas, antecipar o amadurecimento, ocupar ao máximo o tempo do educando ensinando-lhe múltiplas habilidades são características consideradas prejudiciais para o desenvolvimento harmônico do ser humano segundo a visão antroposófica. Esse tipo de atitude, tão comum nas sociedades contemporâneas, só trariam conseqüências que eclodiriam mais tarde na vida madura. Tudo deve vir ao seu tempo, conforme se formam as estruturas psíquicas e orgânicas no ritmo da natureza.

Durante o Primeiro Setênio, que ocorre de 0 a 7 anos e é classificado como período da maturidade escolar, a visão que *Steiner* tem é a de que a criança está aberta ao mundo, receptiva, não oferece resistência alguma às informações que lhe cercam e isso torna o fluxo de dados, que chegam de fora, o eixo de maior importância nesse período da vida. A criança possui uma profunda ingenuidade e, portanto uma confiança ilimitada, pois não faz distinção entre o bem e o mal. Sua mente ainda não está imersa no universo da dualidade, o que a leva a receber as impressões sensoriais sobre o mundo sem elaborar julgamento ou análise, em um estado semelhante ao de contemplação, portanto as percepções inadequadas para

essa fase são armazenadas no inconsciente, já que ela não alcança compreender o universo adulto.

A criança encontra-se em uma fase onde a energia se canaliza para seu desenvolvimento motor, pois esse é o período do QUERER, da vontade humana, e isso se expressará por meio de uma intensa atividade corporal da criança. De acordo com a forma como for conduzida a vontade da criança nesse período, isso se refletirá na vida adulta pela maior ou menor capacidade de atuar com liberdade no aspecto intelecto-cultural.

Discorrendo ainda sobre o Primeiro Setênio vemos que a predisposição natural de aprendizado se dá por meio da imitação dos exemplos que percebe na convivência e isso exige que o educador *Waldorf* seja digno de ser imitado, pois nessa imitação inconsciente dos mínimos detalhes estará fundamentando sua moralidade futura. O exemplo terá muito mais significado e influência do que qualquer preceito. A criança está totalmente disposta a repetir o que vê, ouve e percebe, e é por esse canal de comunicação que guardará as referências para seu comportamento ao falar, ao agir, ao fazer o que é adequado ou não. Nessa etapa também é comum que a criança busque ter muitos amigos ainda que essa relação será muito superficial, pois ainda não lhe é clara a consciência sobre o outro, o que busca é trazê-los para seu mundo, como vemos em Setzer 2001.

No decorrer do Segundo Setênio que compreende de 08 a 14 anos e é classificado como período da maturidade sexual, *Steiner* explica que se inicia um desenvolvimento anímico e por conseqüência uma emancipação da vida meramente corporal. A criança deixa de ser puramente receptiva aos estímulos sensoriais que recebe e se torna predisposta a interagir e reagir frente aos mesmos. Sua vivência passa a ter um eixo ao redor dos sentimentos quando antes se centrava nos 5 sentidos. Esse é o período do SENTIR.

Lanz 1979, afirma que esses estímulos de caráter emocional se canalizam em boa memória, ótima imaginação, criatividade e faz a criança sentir uma atração pelos arquétipos universais contidos nas imagens que estimulam a fantasia. O pensamento dessa fase está estimulado por imagens e sentimentos, portanto ainda é muito diferente do pensar analítico e especulativo do adulto. Por tal motivo o estímulo do aprendizado deixa de ser a imitação e passa a ser a capacidade de projetar imagens interiores emanadas de sua criatividade. Todo o conhecimento que

lhe seja apresentado por meio de símbolos e imagens será facilmente aceito, pois estará sendo trabalhado na mesma linguagem que a criança está predisposta.

Essas características são marcantes desde o início do Segundo Setênio, porém no período dos nove aos doze anos, aproximadamente, ocorre uma mudança mais significativa na qual a criança percebe a dualidade entre ela e o mundo ao seu redor, o mundo dos adultos. Nasce nela uma visão mais crítica que resulta de uma nova forma de pensar. Outra novidade é o fato de passar a utilizar suas próprias vivências como referência para seus entendimentos e conclusões. São também traços marcantes desse período: a amizade, a justiça, a honra, os valores morais dentro das relações sociais.

Nos últimos anos desse setênio ocorre o surgimento da puberdade que trará uma série de transformações do corpo, de humor, e isso produzirá um choque na harmonia emocional e anímica. A puberdade, com sua explosão de energias fortíssimas, desperta certa rebeldia e o forte questionamento a respeito dos valores tradicionais da sociedade.

E finalmente, ao chegarmos ao Terceiro Setênio, período que abarca de 15 a 21 anos, estaremos testemunhando a maturidade social do educando. Aqui é onde as forças anímicas, que estavam em desenvolvimento, atingiram seu auge e estão livres fazendo com que o jovem se sinta independente. Tal liberação dessas forças resulta no seu desenvolvimento no campo lógico, analítico e sintético, o que lhe permite compreender-se como indivíduo, separado do mundo, e que, portanto precisa ser compreendido em suas necessidades particulares. Esse é o período do PENSAR. Aqui é onde devem surgir os conceitos e teorias para alimentar a atividade intelectual que está se abrindo.

Esse adolescente, com seu novo processo de pensar, sente a necessidade de explicações conceituais e intelectuais sobre o mundo. Sente surgir os questionamentos existenciais sobre a vida e a necessidade de respostas para essa torrente de percepções. A dualidade mental dos conceitos claramente se abre e com ela as dúvidas sobre o certo e errado, bem e mal, justo e injusto, esperança e descrédito, sucesso e fracasso, e de pólo a pólo se desenrola a batalha das teses e antíteses intelectuais. Também é comum que nessa etapa o jovem sinta solidão e trate de buscar os grupos afins, as “tribos”, para afirmar sua identidade junto aos outros e sentir-se protegido pelo grupo. A autoridade dos mais velhos, antes

respeitada, agora lhe soa como ameaça a sua autonomia e capacidade, porém ainda sente a necessidade de referências para orientação e para isso procura a amizade de alguém mais experiente.

O adolescente ainda estará passando pelos enormes conflitos do amadurecimento sexual, quando, em meio a tudo, sente um despertar intenso pelo idealismo, a busca pela verdade, a vontade de mudar o mundo e torná-lo mais fraterno. Sente o poder e a energia para revolucionar os cenários caóticos que conhece, sente motivações a realizações e ativismos, e vê na carreira profissional uma forma de intervir no panorama social para fazer valer os ideais que julga legítimos e dignos de sua militância.

Outro dos princípios que encontramos alicerçando a Pedagogia Waldorf é a Trimembração do Organismo Social como afirmação dos valores ideológicos da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Enfatiza-se a Liberdade do pensar com responsabilidade, a Igualdade de deveres e direitos, e a Fraternidade como alicerce do respeito recíproco nas relações sociais. Do ponto de vista da educação, isso representa estimular na criança os alicerces para um pensamento claro e objetivo, livre de preconceitos e dogmas, o que resulta em liberdade; sentimentos legítimos valorizados em cada cidadão e respeito aos demais como significado de igualdade de direitos e obrigações; e a poderosa capacidade de sustentar a fraternidade nas relações socioeconômicas.

> Não há, basicamente, em nenhum nível, uma educação que não seja a auto-educação. [...] Toda educação é auto-educação e nós, como professores e educadores, somos, em realidade, apenas o ambiente da criança educando-se a si própria. Devemos criar o mais propício ambiente para que a criança eduque-se junto a nós, da maneira como ela precisa educar-se por meio de seu destino interior (STEINER, 1923).

Essa trimembração sugere que o processo educacional caminhe em direção da auto-educação como uma proposta para que cada indivíduo se torne livre em seu discernimento e reflexão com respeito às relações que mantém frente ao mundo e a si mesmo, num contínuo exercício de autoconhecimento.

> Uma meta central da pedagogia Waldorf é a de conduzir os educandos da educação à auto-educação. A pedagogia Waldorf entende que o direito de

> educar a outros baseia-se na auto-educação, premissa que os docentes da escolas Waldorf respeitam e tentam cumprir em todo o seu agir, realizando, em primeiro lugar, um trabalho orientado para si mesmos, enriquecido pela co-educação com os demais docentes. (MIZOGUCHI, 2006).

Steiner pretende que a atividade pedagógica não seja meramente de ensinar, mas acima de tudo educar, para que o educando aprenda a não alimentar a dependência em uma autoridade do conhecimento, e sim, observar as referências que lhe permitam trazer a tona sua própria visão sobre o conhecimento. Nesse sentido, vemos que há algo de muito semelhante com a essência da maiêutica socrática, pois se pretende, por meio da valorização e do respeito a individualidade do educando, que ele seja um co-participe de seu próprio crescimento e aprendizado. O processo educacional precisa ser um estímulo que o educando recebe em busca de reconhecer a si mesmo e ao mundo, seus valores e suas relações, e nesse caminho ter a oportunidade de interferir, ativa e conscientemente, em sua própria formação, se tornando assim progressivamente responsável e independente em suas escolhas.

A teoria grega de Hipócrates sobre os 4 tipos de temperamentos é ainda outro dos fundamentos utilizados na Pedagogia Waldorf sob o nome de Quadrimembração. *Steiner* observa que essa classificação dos indivíduos em sanguíneos, coléricos, melancólicos e fleumáticos, pode ser identificada através de como se apresenta a constituição física de cada um e da mesma forma por suas atitudes e comportamentos nas relações para saber como abordar cada educando com a ferramenta pedagógica específica de seu temperamento.

O diagnóstico do temperamento feito pelo educador frente a criança lhe permitiria saber com quais recursos de linguagem e comunicação atuar para interagir com cada educando no nível mais adequado ao seu universo interior. Até mesmo, enquanto crianças, a disposição dos educandos na sala e a formação de grupos seria definida por meio da identificação dos temperamentos, procurando mantê-los entre iguais para estimular e com isso equilibrar suas características já que se veriam espelhados uns nos outros, aumentando assim sua afinidade.

O princípio da quadrimembração também está associado a concepção de existência do homem com quatro corpos: corpo físico, corpo vital, corpo astral e o corpo do eu.

Steiner observa o fato evidente de que o corpo físico não se basta por si mesmo, pois está constituído da energia de seus processos vitais (corpo vital), assim como de seu universo psíquico de sensações, sentimentos e desejos (corpo astral), e do plano das ideias que constituem sua individualidade como Ser espiritual (o Eu). O homem não pode viver apenas de alimentos para o corpo, pois é evidente a necessidade dos alimentos sensíveis que nos chegam de momento a momento em forma de impressões nas relações com o meio e com o planeta.

I.4 PEDAGOGIA WALDORF NO BRASIL

A Pedagogia *Waldorf* foi introduzida no Brasil em 27 de fevereiro de 1956, na cidade de São Paulo, por iniciativa de *Schimidt*, *Mahle*, *Berkhout* e *Bromberg*, que eram simpatizantes da proposta e estimularam a *Karl* e *Ida Ulrich* que viessem da Alemanha para fundarem a primeira Escola *Waldorf* no Brasil, devidamente contextualizada à realidade de nosso país, porém mantendo os princípios originais de abordagem pedagógica. A missão de *Karl* e *Ida* era a de lecionar e preparar os educadores para que também lecionassem a Pedagogia *Waldorf*.

O projeto iniciou apenas com o Jardim da Infância e as primeiras quatro séries iniciais. O Ensino Fundamental só passou a funcionar 23 anos depois (1979), após os resultados positivos que já se vinham obtendo, o que trouxe como conseqüente resultado, pouco mais tarde, a implantação do Ensino Médio também.

O reconhecimento dos resultados efetivos ligados a aplicação dessa abordagem fez com que um número cada vez maior de escolas *Waldorf* fossem surgindo no território brasileiro, de tal forma que em 1998 foi fundada a Federação das Escolas *Waldorf* no Brasil (FEWB), com a missão de consolidar a Pedagogia *Waldorf* na sociedade brasileira. Esse reforço elevou o aumento de abertura de novos estabelecimentos de ensino *Waldorf* e atualmente, segundo dados da FEWB, existem 73 Escolas *Waldorf* funcionando no Brasil, sendo duas delas da rede pública municipal de ensino, na cidade de Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro.

I.5 A ESCOLA WALDORF

Como vimos até aqui as escolas *Waldorf* trabalham hoje no Brasil ajustando-se a regulamentação existente nas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, sendo que a maioria não oferece os três níveis.

As escolas que oferecem a Educação Infantil desenvolvem atividades que têm como foco o brincar imitativo e a imaginação com o objetivo de que se desenvolva a criatividade. O educador procura observar a criança de maneira a respeitar sua individualidade visando a fluidez de desenvolvimento de seu talento e tendências particulares.

> Os educadores trabalham com o intuito de criar na escola um ambiente harmônico incentivando a criatividade, e para que isso ocorra, as atividades propostas são: cuidar do jardim, criar brinquedos, fazer pão para a merenda, brincadeiras livres com materiais naturais, tais como: lã, tecidos diversos, pedras, conchas e etc (EMANUEL, 2002).

> Durante este período o ser humano não deveria ser submetido a um ensino formal, e sim através de histórias, jogos, brincadeiras e trabalhos manuais simples. Neste período, as crianças não deveriam ser alfabetizadas, levando-se em conta o fato de que as letras do alfabeto são abstrações que estas crianças não estão preparadas fisiologicamente para assimilá-las. As forças que seriam gastas neste processo deveriam ser aplicadas no estabelecimento da base física da criança, na aprendizagem do andar, do falar e da coordenação motora. Para isto devem-se utilizar como recursos educacionais a imaginação, a música, o ritmo e a imitação (SETZER, 2001).

A palavra chave que define a essência sempre presente na prática pedagógica desse setênio é “o bom”, pois todo o ensinamento desse período precisa conter essa temática transversal.

Na fase do Ensino Fundamental, aplica-se um currículo equivalente ao adotado pelas escolas em geral, porém as metodologias e dinâmicas seguem a ideologia da educação *Waldorf*.

Nesse cenário a aprendizagem precisa possuir significado prático que permita ao jovem a inclusão no exercício da cidadania plena e o despertar do espírito científico investigativo. Também fazem parte do currículo atividades como música, trabalhos manuais, marcenaria, atividades artísticas, euritmia, astronomia, filosofia, geometria, jardinagem, inglês e alemão. Cada disciplina precisa ser passada em ciclos de revisão progressiva de forma a expor diferentes prismas cada vez mais profundos sobre o conteúdo estudado procurando com isso respeitar o ritmo e a particularidade de desenvolvimento do educando. Procura-se também estabelecer uma relação de proximidade e conexão entre as diferentes disciplinas ensinadas para transmitir a idéia de que são partes de um conhecimento universal.

> Todo ensino nessa fase deve apelar à fantasia criadora, trazendo de forma viva os conteúdos necessários e pertinentes a essa época, devendo o aprendizado estar sempre relacionado à realidade do mundo. Deve-se evitar apresentar aos jovens pensamentos puramente abstratos e conceitos sem vida, pois desta forma corre-se o risco de não apenas arrefecer os sentimentos, mas até de ressecá-los (COSTA, 2005).

Como este setênio está marcado pelo SENTIR, convém criar um laço de sentimento entre educando e educador, e para isso se propõe que a mesma turma seja acompanhada pelo mesmo professor-tutor do primeiro ao nono ano, ainda que existam professores para algumas disciplinas específicas.

> O professor adequado para este período deve ser generalista, conhecer um pouco de cada matéria. Deve ter uma grande sensibilidade social para acompanhar seus educandos, pressentir o que se passa com cada um e configurar suas aulas dinamicamente, entusiasmando seus educandos. Idealmente, este professor deve acompanhar sua turma durante todo o ensino fundamental (LANZ, 1979).

O educador *Waldorf* precisa orientar sobre as dualidades do que é bom ou não para o educando e levá-lo ao entusiasmo pelo “belo”, pois nesse setênio a temática transversal presente na prática pedagógica é “o belo”.

Ao trabalhar com a etapa do Ensino Médio a preocupação se volta para uma formação abrangente e integrada as solicitações do mundo atual com um pensamento objetivo e crítico.

Os educandos do Ensino Médio das Escolas *Waldorf* têm conseguido êxito em vestibulares, provando que o conteúdo curricular atende as necessidades dos educandos na busca da graduação. Nas Escolas *Waldorf* não há repetições de ano e nem atribuição de notas, a avaliação é feita em uma espécie de relatório com observações do desenvolvimento do educando. Nos nove primeiros anos, cada classe tem um professor responsável para acompanhar o desenvolvimento da criança, e do décimo ao décimo segundo ano, ou seja, os três anos do Ensino Médio, o acompanhamento dos jovens é feito por tutores e os vários professores das demais disciplinas. No décimo segundo ano, quando finalizam seus estudos nas Escolas *Waldorf*, os jovens apresentam um trabalho de pesquisa com um tema de sua preferência, como em uma monografia. Diz Setzer: “Um professor deste período deve ser um especialista, conhecer muito bem sua matéria, ao contrário dos professores generalistas dos períodos anteriores”.

No Ensino Médio o eixo é o pensamento e o educador *Waldorf* deve ser digno de respeito, já que nesse setênio a temática transversal a ser trabalhada é aquilo que é “verdadeiro”.

A estrutura física da escola Waldorf também é pensada segundo os objetivos de harmonia e integração que se pretende oferecer à criança e, para tanto, são instaladas em casas aconchegantes e tranqüilas, que possuam quintais com árvores, horta, areia, brinquedos, produzindo assim um panorama de bem-estar e familiaridade para os educandos.

CAPÍTULO II
APLICAÇÕES E PRÁTICAS NO ENSINO MÉDIO

> E assim, esse olhar para o ser humano livre, o ser humano que sabe dar, a si próprio, sua direção na vida, é aquilo que nós, na Escola Waldorf, aspiramos acima de tudo (GA 307, 13a palestra).

II.1 ASPECTOS DA METODOLOGIA

Considero que seja relevante iniciarmos esse capítulo expondo o quão pequeno é hoje, ainda, o cenário prático de aplicação da Pedagogia Waldorf no ensino médio brasileiro, para com isso podermos dimensionar melhor a importância de se tratar sobre esse tema, a meu ver, tão enriquecedor para o avanço da educação no Brasil.

Segundo dados da última estimativa divulgada no site da Federação das Escolas Waldorf no Brasil, há hoje em nosso país um total de 8 escolas Waldorf de ensino médio reconhecidas, estando quase todas concentradas no Estado de São Paulo.

É evidente que haja ainda muita resistência por parte da sociedade em aceitar com naturalidade mudanças profundas no sistema educacional e é por isso que acredito ser cada vez mais necessário a discussão e reflexão sobre as diferentes possibilidades que dispomos hoje para transformar o cenário da educação brasileira e, conseqüentemente, da estrutura social.

Para tratar diretamente sobre o tema em questão, antes de tudo, convém explicar que, em vários pontos, a Pedagogia Waldorf, ao chegar no Brasil, precisou ser ajustada para corresponder a legislação de nosso país com respeito à educação, e um desses pontos refere-se a divisão existente entre o Ensino Fundamental e o Médio como um fato meramente burocrático, já que para a visão Waldorf o que marca essa diferença é o fim do segundo setênio (7 a 14 anos) e início do terceiro (14 a 21 anos). Convém observar que a finalização do dito ensino fundamental coincide com o término do segundo setênio de vida, o que permitiu que tal ajuste se desse de forma adequada a ambos os lados da questão.

Ao iniciar a compreensão das aplicações e práticas da Pedagogia Waldorf no ensino médio precisamos observar alguns fatores ligados ao sistema metodológico. Em primeiro lugar quero destacar o fato curioso de que as escolas Waldorf possuem um sistema de ensino continuado, de tal forma que não existem reprovações entre os educandos. Ajudando a compor esse universo personalizado de acompanhamento do educando, as avaliações do sistema convencional, por meio de provas e exames, também não existem até o último ano do ensino fundamental, porém passam a acontecer no ensino médio em virtude da necessidade de adaptar os educandos ao universo acadêmico que viverão nas universidades, ou seja, uma

alteração feita ao método original em função de uma realidade universitária que encontrará em nosso país.

Já dissemos antes que durante o ensino médio cada turma possui a figura do “tutor de classe”, que a acompanha durante os 3 anos, com reuniões semanais com os educandos para acompanhar o desenvolvimento da classe e de cada um.

Outra das características fundamentais das escolas Waldorf é a importância reforçada que se dá ao ensino artístico e artesanal. Os educandos não só recebem aulas específicas de arte e artesanato, como também possuem essas disciplinas como temáticas transversais em todas as outras matérias combinando-as de forma harmônica.

Cada educando recebe tratamento individual por parte de todos os seus professores, priorizando não somente O QUE é ensinado, mas principalmente COMO isso é feito, visando que o educando tenha parte ativa em sua própria educação de acordo com o nível de maturidade que vai desenvolvendo, de forma que inclua seus sentimentos, características mentais e a psicologia própria de cada idade.

A metodologia de ensino se fundamenta em uma seqüência cuidadosa elaborada visando respeitar as fases do processo de aprendizagem, identificadas como: reconhecimento, compreensão e domínio dos conteúdos. Como já vimos anteriormente, no estudo sobre os setênios, a partir dos doze anos de idade o ser humano principia seu desenvolvimento do pensar próprio, portanto ao chegar no ensino médio com seus 14 anos já estará em plena fase de formação das atividades intelectuais. Segundo Rudolf Steiner:

> Se mantivermos os três princípios: 1) conceitos sobrecarregam a memória; 2) o artístico-visual forma a memória; 3) a atividade volitiva fortalece a memória; temos, então, as três regras de ouro para o desenvolvimento da memória (GA 307, 12ª palestra).

Dessa forma, o aprendizado passa a requerer do educando sua capacidade pensante. Todas as aulas devem conter os três níveis de aprendizado (moção, emoção e razão) como defende o conceito de “Trimembração do Homem” de Steiner, porém no terceiro setênio (ensino médio) deve privilegiar o pensar,

levando até mesmo a esse pensar humano a uma trimembração que se divide em percepção, julgamento e conclusão conceitual.

Essa trimembração do pensar humano se organiza nas seguintes atividades:

1) vivenciar, observar, experimentar;

2) recordar, descrever, caracterizar, anotar;

3) processar, analisar, abstrair e elaborar teorias.

Vemos nessa seqüência, de forma muito clara, como a prática precisa vir antes do conceito sempre, para quando o educando for conceitualizar o possa fazer com base em uma mínima experiência vivida e não em mera abstração e especulação.

A metodologia indica ainda que não se deve chegar à consolidação de resultados em uma só aula. É importante realizar as duas primeiras etapas e depois da vivência e da descrição, se faz necessário uma pausa, para que o educando se distancie temporariamente do assunto que assimilou. Nessa pausa deve estar contida o sono da noite que servirá no amadurecimento do processo de aprendizado, para que o terceiro passo seja dado apenas no dia seguinte. É fundamental respeitar a polaridade entre sono e vigília, já que o desenvolvimento de capacidades não apenas cognitivas, mas também anímicas, pressupõe a polaridade entre aprender e esquecer, consciência e inconsciência, vigília e sono.

Com todo o respeito que Steiner procurou exortar em sua Pedagogia pelos valores humanos em cada indivíduo, o autor afirma:

> Quando a criança tiver amadurecido sexualmente, quando tiver alcançado o 15º, 16º ano de vida consuma-se, então, em seu interior, aquela mudança pela qual, da inclinação para a autoridade, ela chega ao seu sentimento de liberdade e, com o sentimento de liberdade, ao amadurecimento do seu julgamento, ao seu próprio juízo. Aí vem algo que, para o ensino e a educação, precisa ser levado em consideração na maneira mais intensa. Se, até a puberdade, tivermos despertado sentimentos para o bem e para o mal, para o divino e o não-divino, neste caso a criança terá, após a puberdade, esses sentimentos ascendendo a partir do seu interior. Sua razão, seu intelecto, seu juízo, sua força de julgamento, não são influenciáveis, senão que ela pode agora julgar livremente, a partir de si mesma. Se ensinarmos à criança, desde o início, um processo, digamos: ‘deves fazer isto, não fazer

> aquilo', ela levará este preceito consigo para idades posteriores e teremos depois, continuamente o seguinte julgamento: pode-se fazer isto, não se pode fazer aquilo. Desenvolve-se tudo pelo convencional. Mas hoje, na educação, o ser humano não deve mais estar dentro do convencional, e sim, ter seu próprio julgamento, também sobre a moral e sobre a religião. Isto se desenvolve de maneira natural, se não o comprometermos cedo demais. Com o seu 14º, 15º ano, libertamos o ser humano para a vida. Então, colocamo-lo em condição de igualdade para conosco. Ele olha então retrospectivamente para nossa autoridade e nos guardará afetuosamente, se tivermos sido professores e educadores corretos. Mas ele passa ao seu próprio julgamento. Não teremos aprisionado isto, se houvermos atuado simplesmente sobre o sentimento. E assim, damos liberdade ao anímico-espiritual com o 14º, 15º ano, e contamos com isso também nas assim chamadas classes superiores; a partir daí, contamos com os educandos e alunas de modo tal que apelamos à sua própria força de julgamento e ao seu juízo. Nunca poderemos alcançar esse libertar para a vida se quisermos ensinar moral e religião de maneira dogmática, mandatária, mas sim, se no período entre a troca de dentes e a puberdade atuarmos simplesmente sobre o sentimento e a sensação. Essa é a única maneira de colocarmos o ser humano no mundo, de modo que ele possa confiar em sua força de julgamento. E depois se consegue que o ser humano, por ter sido assim educado totalmente no sentido humano, aprenda a sentir-se e a perceber-se também como um ser humano completo. As crianças que forem educadas pela maneira descrita começam a considerar-se como mutiladas, a partir do 14º, 15º ano, se não estiverem impregnadas por julgamento moral e sentimento religioso. Elas sentem, neste caso, que lhes falta algo como ser humano. E é isto que, como melhor herança religioso-moral, podemos dar aos seres humanos, se os educarmos para que considerem a moral e a religião tão integrantes da sua condição humana, que não se sentirão como pessoas completas se não estiverem permeados pela moral e aquecidos pela religião (GA 307, 13ª palestra).

É fator fundamental nessa proposta de ensino o destaque aos valores humanos e espirituais, porém não encontramos o seguimento de nenhuma doutrina religiosa. Há o estímulo a respeitar as diferentes manifestações religiosas como diversidade representativa dos valores espirituais. E dentro desse ambiente de humanização e espiritualidade há um cuidado em não se utilizar metodologias que estimulem a competição e o individualismo.

Outro fator de destaque no processo pedagógico Waldorf é o uso do computador. O computador é uma máquina que força a utilização do pensamento lógico-simbólico, bem como do raciocínio abstrato e formal. Esse formato de pensamento não surge na criança antes do ensino médio, o que torna desaconselhável o uso do computador antes desse período. De acordo com o modelo de desenvolvimento intelectual proposto por Rudolf Steiner o uso do computador, como máquina abstrata que é, provoca uma aceleração do desenvolvimento do jovem de modo inadequado, obrigado-o a ter experiências e pensamentos de adulto de forma precoce, o que é considerado prejudicial na visão de Steiner. Na visão dos teóricos Waldorf, o jovem só teria maturidade intelectual adequada para iniciar o uso do computador aos 17 anos de idade quando seu pensamento se liberta e pode formular conceitos e teorias formais.

Em Setzer 1988, encontramos vários outros prejuízos causados pelo uso do computador antes da idade ideal, dentre os quais destacamos a perda da criatividade devido ao costume de encontrar no mundo virtual um ambiente sempre pronto e rígido no qual não há necessidade de sua ingerência, basta adequar-se e seguir a mecânica dos programas para alcançar seus objetivos.

II.2 O EDUCADOR WALDORF

É evidente que, para que tudo isso acorra da forma esperada, os professores Waldorf precisam desenvolver um profundo amor pelos seus educandos, de maneira que possam atingir um conhecimento amplo de cada um e assim poder responder as expectativas geradas pela proposta.

> Quando, portanto, introduzirmos a criança na escola, mais ou menos na época da troca de dentes, teremos diante de nós, não uma folha em branco, mas uma folha plena de escrita. Agora teremos de atentar, justamente nesta consideração mais pedagógico-didática que deveremos empregar, para o fato de não se poder levar à criança algo de primitivo no período entre a troca de dentes e a puberdade, mas sim, teremos de reconhecer, em tudo, os impulsos que foram introduzidos na criança em seus primeiros sete anos

> e como temos de dar, a estes, aquela orientação que, na vida futura, é exigida do ser humano. Por isto é tão intensamente importante que o professor e educador seja capaz de olhar de maneira sensível para todas as emoções de vida das crianças. Pois, quando ele recebe as crianças na escola, muito já esta contido nessas emoções de vida. E ele precisará, então, dirigir e conduzir essas emoções de vida; ele não poderá simplesmente propor-se a dizer: isto está certo, aquilo está errado, você deve fazer isto, você deve fazer aquilo; mas, sim, ele estará incumbido de reconhecer as crianças e de levar adiante suas emoções de vida (GA 306, 4ª palestra).

Uma das principais ferramentas da Pedagogia Waldorf é o professor, pois precisará ser o referencial vivo perante os educandos com relação a tudo que será trabalhado no ensino. O professor Waldorf precisa destacar os aspectos de humanização e precisará fazê-lo prezando muito pelo ensino através do exemplo, evitando cair em conceitualizações vazias, como cita Lanz 1979: “o educando Waldorf aprende de pessoas e não de livros; ele não procura conhecimentos, mas vivências; e é o professor quem principalmente as estimula”. Portanto, os professores são selecionados principalmente por seu caráter e personalidade adequadas ao panorama pedagógico e demonstrado por sua experiência. Jamais um professor de escola Waldorf pode ter atitudes e pensamentos contrários àquilo que se ensina nas aulas.

Segundo Lanz 1979, o professor ideal deve possuir as seguintes qualidades: “Um conhecimento profundo do ser humano, através do estudo da Antroposofia e do desenvolvimento do ser humano através dos setênios; o amor como base do comportamento social; qualidades artísticas, no que se refere à maleabilidade, fantasia e criatividade, encarando cada aula como uma obra de arte; dominar seu próprio temperamento e linguagem, evitando abstrações e falando de forma concreta e imaginativa; esforçar-se diante de problemas e situações cujo alcance normalmente lhe teria escapado; sensibilidade e capacidade de reconhecer o seu trabalho nos próprios educandos, descobrindo onde surgem perguntas e dúvidas nas almas dos seus educandos”.

Não basta possuir os melhores currículos e práticas pedagógicas se não houver um coração humano que busque a excelência e a própria vivência naquilo

que ensina. Os professores precisam buscar sua própria transformação e superação durante a prática do ensino, convertendo idéias em ideais, e estes em realidade.

Para tanto, o professor deve passar por uma formação específica que o qualifique e habilite para a prática do currículo Waldorf. Essa formação pode ser realizada na modalidade de cursos livres ou pode também ser reconhecida como um curso de especialização em pedagogia.

II.3 O CURRÍCULO WALDORF PARA ENSINO MÉDIO

O currículo Waldorf é todo elaborado com base nas orientações deixadas por Rudolf Steiner e nos aperfeiçoamentos que se fez com o passar dos anos da prática pedagógica. Evidentemente que a experiência adquirida com o exercício pedagógico, o amadurecimento dos profissionais, as diferenças culturais ocorridas no tempo e no espaço, as novas descobertas científicas e tecnológicas ocorridas desde a criação da Pedagogia Waldorf causaram grande influência e permitiram que fosse modificada e ampliada em vários aspectos. De tal forma que o currículo Waldorf para ensino médio que apresento a seguir não é o original, mas sim aquele que se utiliza hoje nas escolas brasileiras com as devidas adaptações.

O 1º, o 2º e o 3º anos do ensino médio são chamados na Pedagogia Waldorf de 10º, 11º e 12º anos escolares. Daí temos que, conforme demonstra Stockmeyer 1965, o currículo utilizado nesse período contém as seguintes disciplinas e conteúdos apresentados de forma genérica:

- Língua materna – no 10º ano se faz uma apresentação coerente da métrica e da poética; o estudo de obras antigas da literatura brasileira; um comparativo da gramática antiga em relação a gramática da língua moderna; no 11º ano, estuda-se os grandes poemas da Idade Média, como Parsifal e Pobre Henrique; e no 12º ano, uma visão completa sobre a história da literatura brasileira em relação com a estrangeira;
- Ensino de arte – no 10º ano essa temática se desenvolve sobre fatos estético-artísticos a partir do domínio do poeta Erich Schwebsch. Tem o objetivo de

levar o educando a compreensão da linguagem poética por meio da fala. Realizam-se exercícios da "arte da fala", arte esta criada por Rudolf Steiner, que propõe o aprendizado do falar de forma artística. Pretende-se com isso despertar um sentimento para os elementos da poética, que logo serão combinados com a vivência de ritmos na disciplina de euritmia. Utiliza-se do ensino de figuras e de metáforas, juntamente com a lírica e o estilo de Goethe por meio de exemplos apropriados; no 11º ano se estuda através de exemplos a relação do desenvolvimento interior da música como influência determinante na vida espiritual moderna; no 12º ano busca-se a compreensão da arquitetura básica em suas grandes formas e estilos culturais históricos, a partir da técnica da construção e sua evolução, bem como uma visão geral sobre a criação artística em geral e sua evolução em etapas "simbólica", "clássica" e "romântica";

- Línguas estrangeiras – Steiner recomenda que sejam ensinadas duas línguas estrangeiras durante os 12 anos escolares. No Brasil se adota inglês e alemão. A escolha do alemão se deu por ser essencialmente consonantal e radicalmente polar ao português. Nossa língua é essencialmente vocálica, o que nos torna indivíduos flexíveis, amáveis, sensíveis e artísticos, enquanto que uma língua consonantal nos traz a objetividade, forma e firmeza tão necessárias na formação da criança; no 10º ano se ensina a métrica da língua com leitura, de preferência poética; no 11º ano inicia-se com leitura dramática combinada com poética e acompanhada de prosa e estética da língua; e no 12º ano virá a poesia lírica e épica, bem como o conhecimento da moderna literatura estrangeira;
- Matemática – no 10º ano, estudo de geometria descritiva, com a teoria dos planos e das secções de dois planos; estudo dos primeiros elementos da geometria projetiva e conceitos de dualidade; no 11º ano, trigonometria, geometria analítica, geometria descritiva com secções e intersecções, construção de sombras e equações diofantinas; no 12º ano, trigonometria esférica, geometria analítica no espaço, geometria descritiva com perspectiva-cavaleira, fundamentos iniciais do cálculo diferencial e do cálculo integral;
- História – no 10º ano, estudo de história antiga sobre a antiga Índia, antiga Pérsia, Egito-caldaico dirigido até o declínio da liberdade da Grécia marcada

pela batalha de Chaeronea em 338 a.C.; no 11º ano, período em que são tratados, no ensino de literatura, os grandes poemas da Idade Média (Parsifal e Pobre Henrique), tratar simultaneamente a história da mesma época e tirar conclusões para a atualidade; no 12º ano, uma visão geral coerente sobre toda história. Os jovens deveriam ser levados a ponto de compreenderem de maneira viva as épocas históricas. Por meio do ensino, devemos tentar descer algo abaixo da superfície e mostrar que, por exemplo, no Helenismo já existem aspectos da antiguidade, da idade média e da época moderna, etc. Por outro lado, abordar como as épocas históricas são acompanhadas do "rejuvenescimento" da Humanidade;

- Geografia – no 10º ano se objetiva estudar a Terra em toda sua abrangência como um todo morfológico e físico. Destaque para a estrutura das cordilheiras, aspectos físicos como condições de calor, magnetismo, correntes marítimas, correntes aéreas, o interior da Terra, etc; no 11º ano se estabelece a ligação entre o ensino de medidas e a geografia para que seja desenvolvida a compreensão do que seja o mapa-múndi na projeção de Mercator. A partir da arte, tratar da origem do metro padrão; no 12º ano, estudar a Terra como imagem refletida do cosmo, a configuração dos continentes pelas forças cósmicas, seu desenvolvimento nas épocas geológicas. Paleontologia e etnografia;
- Sociologia;
- Filosofia;
- Agrimensura – introdução dos procedimentos elementares da medição de um terreno, exercícios para executar plantas de localização;
- Ciências naturais – no 10º ano, o estudo sobre o mundo mineral, etnografia e sobre o organismo humano físico com relação aos aspectos anímico e espiritual; no 11º ano, o ensino de citologia deve ser tratado cosmologicamente, tratar das plantas, desde as inferiores até as monocotiledôneas e apenas apontar para as dicotiledôneas. Em lugar de teleologia ou de puras relações causais, tratar de relações recíprocas; no 12º ano, o ensino de geologia e de paleontologia, a partir da zoologia. E a partir de fanerógamos na botânica, passa-se também para a geologia;

- Física – no 10º ano, estudo de mecânica básica até o entendimento de máquinas simples; trigonometria relacionada a coincidência da trajetória de lançamento e a equação da parábola; no 11º ano, apresentar a telegrafia sem fio, os raios X, alfa, beta e gama; no 12º ano, buscar uma conclusão. Acrescentar a isso imagens ópticas em vez de raios ópticos;
- Química – no 10 ano, estudo sobre bases, ácidos e sais, reações alcalinas e ácidas e mostrar a reação oposta entre suco alimentar de abelhas e sangue; no 11º ano, desenvolver, tão completamente quanto possível, os conceitos fundamentais de ácido, sal e base. Inserir nisso uma visão geral sobre substâncias. Ao mesmo tempo mostrar que as substâncias devem ser compreendidas como resultados de processos; no 12º ano, apresentar a transformação dos processos químicos conforme ocorrem no âmbito inorgânico, no orgânico, no âmbito da vida e nos organismos animais ou humanos;
- Jardinagem – construção de horta, cultura de plantas e tratamento do composto, cuidados com flores, arbustos e árvores frutíferas, poda de árvores e arbustos. Estudo sobre adubos e questões de agricultura e pecuária;
- Tecnologia – no 10º ano, a partir do parafuso, abordar a mecânica técnica. Aprender sobre fiação e tecelagem; no 11º ano, em lugar dos trabalhos manuais entram encadernação de livros e cartonagem. Tratar rodas d'água e turbinas, e da fabricação de papel; no 12º ano, estuda-se tecnologia química;
- Música – no 10º ano, aprendizado continuado de música instrumental. Ensino de harmonia fazendo referência ao contraponto; no 11º ano, canto solo. Depois da formação de um gosto musical, conduzir para o julgamento musical; no 12º ano, cultiva-se a sensibilidade para estilos musicais;
- Euritmia – é uma proposta de movimentação artística como elemento artístico da poesia ou música, ativador da expressão criativa do ser humano, atuando no pensar, no sentir e no agir simultaneamente. Busca-se estabelecer uma sintonia com o professor de estética sobre as poesias a serem tratadas;
- Educação física – exercícios com ou sem aparelhos visando um tratamento higiênico do corpo;
- Trabalhos manuais – projetar e executar trabalhos artesanais, bem como pintar cartazes e capas de livros;

- Artes aplicadas – exercícios de modelagem de própria invenção, objetos artesanais em formas livres, desenhos em preto e branco; acrescenta-se a isso exercícios iniciais em marcenaria para a confecção de móveis e pintura a partir da cor. Inclui ainda escultura, cerâmica e tecelagem;
- Primeiros socorros
- Peça teatral – todas as escolas Waldorf hoje em dia no Brasil têm em seus currículos uma peça teatral encenada pelos educandos no 8º e no 11º ano escolar;
- Monografia – ao final do 12º ano os jovens apresentam um trabalho de pesquisa com um tema de sua preferência, como em uma monografia, permitindo assim uma maior familiaridade com a monografia para quando precisar desenvolvê-la na faculdade.

CAPÍTULO III
UMA PEDAGOGIA HOLÍSTICA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

> E, em tudo o que se desenrola entre o professor e a criança precisa reinar a música. O ritmo, o compasso e a melodia precisam tornar-se princípios pedagógicos. Isso exige que o professor tenha, em si próprio, uma espécie de musicalidade, tenha musicalidade em toda a sua vida. Portanto, o sistema rítmico é o que existe organicamente na criança em idade escolar, é o que predomina organicamente, e trata-se de orientar todo o ensino de maneira rítmica, de que o próprio professor seja, em si, um indivíduo com tendência para música, de modo que na sala de aula reine ritmo, compasso (GA 307, 7ª palestra).

III.1 NATURAIS RESISTÊNCIAS AO PROCESSO DE MUDANÇA

É de conhecimento comum que qualquer proposta de mudança no sistema educacional brasileiro por meio de novas abordagens pedagógicas que diferem da tradicional provoca resistência por parte da sociedade em geral que reage por diferentes motivos conforme o setor atingido. Há interesses de tipo político em manter o *status quo*; de tipo econômico em garantir resultados imediatos nos lucros, e mudanças demandam investimento de tempo para ajustes e adaptações; de tipo cultural, pelo medo do desconhecido e a sensação de que estaríamos nos aventurando em terreno arenoso; ou simplesmente pelo total descaso e indiferença frente ao setor da educação.

É obvio que a Pedagogia Waldorf não é uma exceção a essa postura e, portanto não escapa dos olhares desconfiados e descrentes da população, e gera uma série de questionamentos por parte dos pais quando se vêem frente ao dilema de matricular ou não seus filhos em uma escola que adote a referida abordagem.

Há vários argumentos que lançam críticas sobre a Pedagogia Waldorf. Há quem afirme que os educandos não recebem preparação para os exames vestibulares, ou que as escolas Waldorf dedicam mais ênfase as matérias não científicas, ou de que não preparam os educandos para enfrentar o mercado de trabalho, ou ainda se afirma que tais escolas apresentam um ambiente fantástico que contrasta com o mundo real. Esses questionamentos são pertinentes e

merecem os comentários que virão a seguir, no entanto também são válidos outros questionamentos como crítica à estrutura social com respeito a educação.

Que vantagens reais têm o vestibular para os educandos e para as universidades? Eles são capazes de medir a capacidade e o preparo que o educando precisa para vivenciar o universo prático das faculdades? As matérias cientificas são mais importantes do que as disciplinas humanas? Acaso não se precisou criar recentemente uma disciplina extracurricular chamada empregabilidade, onde se estuda a valorização do comportamento e das relações humanas justamente porque existe enorme carência de humanização nas escolas? Acaso a temática de empregabilidade não é hoje uma exigência do mercado de trabalho, porque não se tolera mais ter tantos funcionários tecnicamente capacitados e humanamente incapazes de manter relações profissionais com a devida postura equilibrada? Acaso o panorama das escolas Waldorf não nos pareceria fantástico e irreal por estarmos vivendo num ambiente social tão árido de valores humanos, onde só se valoriza a aquisição de bens e status, assim como as aparências sem conteúdo? Acaso não estamos hoje passando, no Brasil, por uma grave crise de falta de gente qualificada para preencher as vagas disponíveis, justamente por falta de habilidades sociais? Acaso isso não seria um reflexo do desenfreio materialista que avança em tecnologia e tecnicismo, deixando para trás a importância que a educação merece como eixo de preparação para que possamos responder a altura como seres humanos sensíveis que somos?

Ao entrar nessa parte da discussão é aonde chegamos aos fatores sociológicos que estimulam essa reflexão. O fato é que os questionamentos que se levantam como críticas à Pedagogia Waldorf são fundamentados em realidades sim, porém realidades absurdas que sobrevivem em uma sociedade que venera valores invertidos do ponto de vista humanístico. Valores como afeto, sentimentos, emoções, espiritualidade, compaixão ainda são tidos como secundários frente ao mercado consumista do capitalismo que só se movimenta a base de lucros sem se importar com a sensibilidade humana ou sua total ausência.

Ainda é muito presente a crença de que precisamos de um intelecto abarrotado de informações digeridas ou não por algum raciocínio, sem considerar que a vida real não sabe nada sobre letras e conceitos. A vida real precisa de estrutura emocional equilibrada para nos dar suporte frente as diferentes crises

pelas quais passamos diariamente, seja no trabalho, na família ou em quaisquer das relações sociais que mantenhamos. O preparo intelectual precisa vir combinado e, porque não dizer amparado, por uma educação emocional e operacional que estimulem habilidades e atitudes, e não somente competências.

A proposta de uma pedagogia holística introduzida no sistema educacional visa a transformação da sociedade por meio da transformação do indivíduo. A sociedade é a soma de indivíduos e, portanto o reflexo destes. Se há algo poderoso para a transformação social esse algo é a educação devidamente somada ao poder político e econômico que são os eixos ao redor dos quais tudo gira.

"As pedagogias do mercado, no fundo, não preparam o jovem para a vida, como querem fazer crer, pois restringem o educando ao que está em evidência no momento", diz Santos 2005. Na verdade, elas atrelam os jovens ao passado, limitando-o a imitar e reproduzir o *status quo* sem procurar exortá-los a reflexão, ao questionamento e a crítica construtiva.

> Na perspectiva pedagógica, isto equivale à preparação para o mercado consumista. O bem estar do homem está hoje atrelado a sua participação competitiva no mercado, na economia. Para conseguir isto, todos devem ser muito aptos em falar inglês, saber informática, etc. Uma escola que prepara o jovem para conquistar sua parcela no mercado, no processo econômico, diz-se que se está preparando para a vida, porque vida hoje, é poder participar dos bens de consumo que ela oferece (SANTOS, 2005).

E um exemplo disso são os exames vestibulares, que ainda hoje são uma realidade que serve para demonstrar claramente uma das contradições vivas na educação, pois são formas meramente teóricas de comprovar de maneira temporária o quanto uma pessoa é capaz de guardar informações na memória. Informações essas que em breve serão descartadas, pois não terão utilidade nem no ambiente universitário nem no mercado de trabalho.

A corrida imposta aos educandos do ensino médio como preparação para o vestibular faz uma seleção com um perfil que não é garantia de bom desempenho na universidade nem de bom profissional, pois as competências e habilidades de ambos os ambientes não são meramente conceituais, como o é o vestibular. Isso é de tal forma verdadeiro que, provavelmente, nenhum professor de

universidade ou profissional de qualquer área passaria num exame vestibular concorrido sem que se preparasse especificamente para tanto. Tanto eles quanto os próprios estudantes de cursinhos, após alguns meses sem se envolver nessa prática tão específica de vestibulandos, já não conseguem manter a mesma performance, o que demonstra ser essa prática uma atividade artificial e de curtíssimo prazo.

Ao invés de estimular uma formação integral do ser humano em seus aspectos intelectuais, emocionais, operacionais e sociais, o que vemos é apenas um exercício de guardar dados na memória equivalente ao que se faz com um computador. Nesse exercício de depósito de dados não há espaço para a reflexão, o questionamento e a visão crítica, pois o conhecimento é transmitido como verdade absoluta e inquestionável, ao invés de serem apresentados apenas como teses dos estudiosos. Nunca se apresenta, por exemplo, os pontos falhos das teses, que permitissem entrever sua relatividade, afinal não há teses absolutamente esclarecidas em todas as suas argumentações. A própria teoria sobre o átomo não deixou de ser apenas uma hipótese, pois até os dias de hoje não se sabe o que é um átomo, já que nem sequer jamais foi visto. Isso não só produz sobrecarga da capacidade racional como deixa de desenvolver a sensibilidade, a imaginação, a criatividade, o senso crítico, a liberdade de pensamento e a flexibilidade da mente.

Não é possível que nos formemos como formadores de opinião, mas sim como reprodutores do conhecimento rígido. Somos levados a crer que para tudo na vida existe uma fórmula perfeita que dá solução exata e que não precisamos mais do que encontrar essa fórmula e sair aplicando-a em todas as circunstâncias semelhantes, como se a vida se moldasse aos nossos caprichos e teorias.

Os professores não ocupam papel de referência, mas sim de senhores da verdade. Daí quando chegamos ao mercado de trabalho nos são exigidas todas as habilidades sobre as quais fomos castrados a vida inteira. Querem que sejamos lideres, proativos, criativos, resilientes, automotivados, autoestimados, empáticos, que estejamos em constante superação de nossas debilidades, que tenhamos boas relações sociais e um ótimo networking, etc. Todas essas faculdades envolvem sensibilidade e como poderíamos possuir essas características se nunca tivemos educação fora do campo dos conceitos, se nunca tivemos estímulo para desenvolver nossa inteligência emocional de forma didática e pedagógica.

Contrariamente a tudo isso, o estímulo emocional sistemático que recebemos em todo o percurso escolar é o da competição. Disso resulta mais tarde um cenário competitivo sem compaixão que sustenta o capitalismo selvagem que tanto criticamos, mas que é mantido por ideologias pedagógicas competitivas.

Somos treinados a competição desde crianças, pois o simples fato de atribuir notas nas avaliações já é um alimento para tal comportamento, além do fato de que esse sistema é tenso e repressor, pois há uma constante pressão de uma possível nota baixa ou reprovação. O próprio esporte que é símbolo de saúde está sempre associado às disputas. Competição é uma atitude egoísta e contrária ao sentido de cooperação. O estimulo que se quer criar com a competitividade acaba sendo, para a maioria dos educandos, uma tortura por ter que fazer algo desestimulante, já que os professores não conseguem gerar estímulos em suas aulas, afinal eles mesmos foram educados da mesma forma e são frutos da atrofia emocional causada pelo reinado do intelecto.

> Se o erotismo assume entre os jovens uma importância desmedida, a culpa é dos professores, que são medíocres e não sabem despertar o interesse. Se as crianças não têm interesse pelo mundo, o que lhes resta para pensar? Quando se fala de maneira enfadonha na aula de matemática ou de história, só lhes resta pensar no que se passa em seu corpo – no coração, no estômago e nos pulmões. Isso pode ser evitado se desviamos o interesse dos jovens para o mundo; isso é sumamente importante (Steiner 1979)

É obvio que o mundo real é competitivo e que precisamos ser realistas frente a isso, porém não existe a necessidade de sistematizar a competição como processo educacional, pois ela já pode ser vista em todos os nossos ambientes de convivência. Poderíamos buscar um equilíbrio educando por meio da cooperação e assim estaríamos permitindo as referências para que cada um pudesse escolher como agir frente ao mundo. Apesar de que esses argumentos possam parecer utópicos e impraticáveis, mais adiante veremos dados estatísticos levantados por Ribeiro 2007, onde vemos que estes já são uma realidade no Brasil para os educandos das escolas Waldorf.

Também há um outro fator a ser considerado nesse assunto do vestibular que é o fato de que os jovens dessa idade estão preparados para o exame, mas não

estão claros sobre a escolha correta da área em que atuarão profissionalmente, escolha essa que não pesa tanto para os educandos Waldorf que foram educados para pensar a vida e não apenas teorias.

Em Setzer 2010, vemos a sugestão de que os educandos Waldorf viessem a fazer um cursinho preparatório para o vestibular ao final do último ano do ensino médio. O autor argumenta que seria muito melhor estudar um semestre ou dois a mais para reter um conhecimento que só será útil para aquele exame específico, do que passar os três anos do ensino médio saturando o intelecto sem necessidade. “Quanto menos ele tiver que se preparar para essa experiência traumatizante, melhor”, diz Setzer 2010. O autor sugere ainda que esse 13º ano de cursinho poderia ser adaptado dentro da escola Waldorf agregando valores da pedagogia steineriana ao mesmo.

Essa sugestão feita por Setzer tem mais o contexto de revisão das matérias específicas do vestibular, já que essas disciplinas não deixam de fazer parte do currículo Waldorf, ainda que sejam abordadas de forma diferenciada, o que em nada deixa a desejar no que diz respeito ao preparo intelectual de alto nível desses educandos, haja vista encerrarem seu ensino com a apresentação de um TCC que lhes exige profundo desempenho científico.

Também podemos ver que, até nesse momento da saída da escola para o mundo profissional, que vem a seguir, Steiner se preocupou em alegorizar, por meio da lenda de Parsifal, os momentos de conflitos pelos quais passam os jovens frente ao novo desafio.

> O profundo conteúdo dessa história serve, na forma de imagens, de exemplo para os educandos, de sua própria situação, saindo de uma época ingênua para enfrentar as misérias e perigos do mundo e encontrar seu caminho em liberdade (SETZER, 2010).

III.2 PESQUISA EM RESPOSTA ÀS CRÍTICAS

No ano de 2007, a socióloga Wanda Ribeiro e o engenheiro civil Juan Pablo de Jesus Pereira (RIBEIRO 2007), publicaram um artigo intitulado “Sete mitos da inserção social do ex-educando Waldorf” onde demonstram os dados estatísticos de uma pesquisa voltada para esclarecer uma série de questionamentos equivalentes aos que já tratamos no subtítulo anterior de nosso presente capítulo. As questões principais da pesquisa eram: “com que visão de mundo os educandos saem dessa escola? Que Pedagogia é essa onde a arte é tão fundamental? Que estarão fazendo agora seus ex-educandos? Que caminhos seguiram?”, como encontramos descrito em Ribeiro 2007.

A pesquisa foi feita no ano de 2003 tendo como campo de investigação a Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo, onde foram entrevistados 108 ex-educandos, formados entre os anos de 1975 e 2002, de um total de 1345 ex-educandos que concluíram o ensino médio. Os critérios seguidos pela pesquisadora estão mais amplamente descritos no texto citado (RIBEIRO 2007), mas foram considerados em vista da necessidade de dar respostas às críticas e dúvidas já levantadas nesse trabalho.

Os resultados da pesquisa seguem descritos conforme texto original (RIBEIRO 2007):

> Os sete mitos e um resumo dos resultados obtidos:
>
> 1. Os ex-educandos têm muita dificuldade em passar no vestibular: 100% dos que prestaram vestibular passaram, sendo 91% na primeira tentativa;
> 2. Só passam em vestibular de faculdades de segunda expressão: 68% entraram em faculdades de primeira expressão (segundo classificação do "Provão" do MEC);
> 3. Não têm capacidade para cursar uma faculdade: 92% completaram com êxito o ensino superior;
> 4. A Pedagogia Waldorf só forma artistas: Apenas 12% formou-se em carreiras artísticas;
> 5. A Pedagogia Waldorf não prepara para o mercado de trabalho: 99% estão atuando no mercado de trabalho;
> 6. A Pedagogia Waldorf não prepara para o mundo da competição profissional: 84% não se sentiram prejudicados;
> 7. A Pedagogia Waldorf é de doutrinação religiosa: 100% não perceberam nenhum tipo de doutrinação religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que não há uma fórmula perfeita e permanente para solucionar os grandes conflitos sociais no Brasil, mas também é certo que muito se

pode fazer com comprometimento, boa vontade política e as ferramentas adequadas. Nesse sentido de composição e reunião de forças em direção de profundas transformações, a educação seguramente ocupa uma posição fundamental já que o conhecimento é a única coisa que não se pode tirar de um homem. Sem dúvida, a Pedagogia Waldorf é uma dessas ferramentas com altíssimo poder transformativo e uma abrangência de atuação sem equivalente para os dias de hoje. Afinal, tem sido possível observar, nos últimos anos, que estamos em pleno processo de mudança de paradigmas educacionais no Brasil onde se busca encontrar soluções amplas, concretas e duradouras para consolidar o crescimento de nossa nação.

Nesse processo, é urgente que haja adequação das práticas pedagógicas aplicadas ao corpo de educandos com relação às exigências do mercado de trabalho. Além de que, o próprio mercado de trabalho tem se preocupado em reformular-se absorvendo trabalhadores que valorizem também valores que colaborem para o crescimento das relações interpessoais de forma sensível e humanizada. E quando fazemos o comparativo do perfil que se espera hoje nos ambientes profissionais e os valores trabalhados nas escolas Waldorf, podemos concluir que estes educandos acabam por receber um profundo treinamento das habilidades sociais e relacionais que hoje são altamente valorizadas como postura profissional e que encontramos como pontos de enorme carência nos jovens das escolas públicas e privadas.

Essa premente necessidade levou ao surgimento, há pouco mais de uma década, de uma disciplina que recebeu o nome de empregabilidade, que cada dia mais tem conquistado espaço, onde em síntese o que se ensina é como tornar o jovem atraente frente ao mercado de trabalho, quando tudo que alcançou ter em seu processo educacional foram habilidades técnicas e teóricas.

> Entende-se por empregabilidade a busca constante do desenvolvimento de habilidades e competências agregadas por meio do conhecimento específico e pela multifuncionalidade, as quais tornam o profissional apto à obtenção de trabalho dentro ou fora da empresa. O termo surgiu na última década, pela necessidade dos trabalhadores de adquirir novos conhecimentos que os habilitassem a acompanhar as mudanças no mercado de trabalho. Até então, as oportunidades de trabalho eram oferecidas principalmente pelas indústrias. A partir daí passam a surgir

> vagas no setor de serviços, exigindo um outro perfil de trabalhador, que tenha competência para desenvolver as novas atividades. (ALMEIDA 2006)

Existem hoje nas grandes cidades cursos e projetos sociais que desenvolvem um trabalho com o tema da empregabilidade, visando atender a demanda do mercado atual e futuro que, mais e mais, espera que os candidatos às vagas disponíveis não sejam meros repetidores da técnica fria, repletos de conceitos e vazios de sensibilidade.

O aparecimento da disciplina de empregabilidade é hoje uma das melhores formas de compreender o quanto a educação formal carece de valores de humanização e sensibilização tão profundamente enfatizadas na Pedagogia Waldorf. Aponta também para a enorme crise de valores pela qual passam as famílias, que já não são capazes de garantir aos seus filhos a mínima educação básica familiar, já que no fundo, o que se ensina em empregabilidade é o que, outrora, se aprendia em casa, quando haviam pais presentes, responsáveis e comprometidos com a educação de seus filhos. Quando hoje o que temos, pela ausência de sensibilidade e humanidade, é violência e desrespeito aos pais e professores.

O tema da violência gritante nas escolas é hoje de extrema importância para reflexão em todas as esferas que possam colaborar para que se possam buscar soluções para que os jovens não estejam abandonados e entregues a educação dada pela televisão, Internet e vídeo games.

Enquanto, regra geral, os educandos de escolas tradicionais públicas e privadas são tratados como depositário frio ou tábula rasa do conhecimento, os educandos Waldorf possuem um extenso e profundo treinamento das competências, habilidades e atitudes que compõem o comportamento de empregabilidade por meio de uma série de exercícios teatrais e artísticos que lhes permitem tornarem-se sensíveis, sentirem-se valorizados e reconhecidos, superar bloqueios ou limitações no contato com o público e, em geral com os desafios que a vida nos impõe no cotidiano.

Todos esses pontos nos permitem ver que a contradição não está no fato da pedagogia Waldorf não se ajustar às práticas educacionais em vigor ou ao mundo real, mas sim que estes estão pautados em bases arenosas que não resistem a uma análise criteriosa. Como diria Setzer 2010: “Se o mundo está torto,

criemos um ambiente contrário a ele para nossas crianças e adolescentes, tanto na escola como no lar". Assim estaremos criando a possibilidade de uma mudança de valores da sociedade.

> Manter os filhos no ensino médio Waldorf significa adiar essa saída até os 18 anos, quando eles já terão suficiente maturidade para enfrentar e reconhecer as misérias do mundo. Não é o ambiente das escolas Waldorf que é irreal, pelo contrário, ele é impregnado de uma profunda realidade sobre o que significa o desenvolvimento sadio de uma criança e de um adolescente; é o ambiente fora delas que é em geral irreal frente ao que os jovens necessitam (SETZER, 2010).

Por mais que o mundo esteja cheio de valores corrompidos, precisamos de um ambiente onde se ensine e pratique valores de equilíbrio que possa servir como referência para dar aos jovens a chance de escolha. Ao terem uma boa referência em casa e na escola, as influências prejudiciais que receberão no tempo em que estiverem em contato com o mundo violento e competitivo do capitalismo selvagem poderão ser minimizadas. Se por ideologia, acreditamos e queremos a transformação social, não será ajustando-nos ao erro que alcançaremos produzi-la, mas sim lutando com firmeza de propósito para manter vivo um referencial digno que irradie luz sobre as consciências na esperança de que algum dia venhamos a obter pleno êxito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marcus Garcia de. **Pedagogia empresarial: Saberes, Práticas e Referências**. Rio de Janeiro: Brasport, 2006.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: O novo papel dos recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

COSTA, E. M. G. **A pedagogia Waldorf: ferramentas e práticas**. In: V JORNADA DO HISTEDBR: Sorocaba, 2005.

EMANUEL, T. C. O. **A pedagogia Waldorf**. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2002. Disponível em: http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per14.htm . Acesso em: 22 ago. 2011.

Escola Waldorf Francisco de Assis. Disponível em: http://www.escolafranciscodeassis.com.br . Acesso em: 23 ago. 2011.

FEWB. Federação das escolas Waldorf no Brasil. Disponível em: http://www.federacaoescolaswaldorf.org.br . Acesso em: 03 jul. 2011.

LANZ, Rudolf. **A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano**. São Paulo: Summus, 1979.

_____. **Noções Básicas de Antroposofia**. São Paulo: Antroposófica, 2002.

LIEVEGOED, Bernard. **Desvendando o Crescimento**. São Paulo: Antroposófica, 2001.

MIZOGUCHI, Shigueyo Miyazaki. **Rudolf Steiner e a pedagogia Waldorf**, Coleção memória da pedagogia – perspectivas para o novo milênio, Rio de Janeiro, 2006.

MUTARELLI, S. R. K. **Os quatro temperamentos na Antroposofia de Rudolf Steiner**. São Paulo: Antroposófica, 2006.

RIBEIRO, W. e J. P. de J. Pereira. **Sete mitos da inserção social do ex-educando Waldorf.** 2007. Disponível em http://www.sab.org.br/pedag-wal/artigos/mitos.htm.

SANTOS, Adriana S. L. **Pedagogia Holística: um novo olhar na educação.** 2005. Disponível em: http://monografias.brasilescola.com/pedagogia/pedagogiaholistica-um-novo-olhar-na-educacao.htm . Acesso em: 23 ago. 2011.

SETZER, Sonia. **Revista Arte Médica Ampliada**. Ano 19, 1999.

SETZER, Waldemar. **Meios eletrônicos e Educação: uma visão alternativa**. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2001.

_____. **Meu filho está terminando o ensino fundamental waldorf. E agora?** 2010. Disponível em: http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/tirar-de-waldorf.html . Acesso em: 07 ago. 2011.

_____. **O computador no ensino: nova vida ou destruição**. São Paulo: Scipione, 1988.

_____. **Uma Introdução Antroposófica à Constituição Humana**. 2000. Disponível em: http://www.ime.usp.br/~vwsetzer . Acesso em: 13 jul. 2011.

STEINER, Rudolf. **A Arte da Educação III**. São Paulo: Antroposófica, 2000.

_____. **A Educação da Criança Segundo a Ciência Espiritual**. São Paulo: Ed. Antroposófica, 3ª ed. 1996, GA 34.

_____. **A Prática Pedagógica.** São Paulo: Antroposófica, 2000, GA 306.

_____. **As forças básicas anímico-espirituais da arte de educar. Valores espirituais na educação e na vida social**. 1979, GA 305.

_____. **O desenvolvimento saudável do ser humano.** São Paulo: FEWB, 1998.

_____. **Vida espiritual atual e educação**. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1986. GA 307.

STOCKMEYER, E. A. Karl. **O currículo de Rudolf Steiner para as escolas Waldorf**. 2ª ed, 1965. Disponível em : http://www.sab.org.br/pedag-wal/curriculo-waldorf-stockm.htm . Acesso em: 15 out. 2011.

VIEIRA, P. V. **Pedagogia Waldorf**. 1ª ed, 2011. Disponível em: http://paulovini.com.br/pedagogia-waldorf/ . Acesso em: 22 ago. 2011.

YUS, Rafael. **Educação Integral: uma educação holística para o século XXI.** Porto Alegre: Artmed, 2002.